

Eleições continuam a provocar turbulências

Pela segunda semana seguida, as pesquisas eleitorais comandaram o humor dos investidores

PRISCILLA MURPHY

Pela segunda semana consecutiva, os ventos políticos empurraram os mercados brasileiros para águas revoltas. As pesquisas de intenção de voto para as eleições presidenciais tornaram-se vetores de uma verdadeira montanha-russa nos mercados de dívida externa, câmbio e ações brasileiros.

A turbulência começou depois que uma pesquisa indicou um avanço surpreendente da candidatura à Presidência de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) nas pesquisas há duas semanas. Quase em uníssono, diversos bancos estrangeiros que estavam otimistas em relação ao Brasil mudaram sua recomendação para os investimentos em títulos da dívida externa brasileira para neutra. Seguindo a nova recomendação mais cautelosa de seus bancos, muitos investidores venderam parte de seus títulos brasileiros, criando um pessimismo que se alastrou pelos mercados domésticos.

Os políticos brasileiros, até mesmo alguns do governo atual, afinado com o mercado financeiro internacional, criticaram os bancos, acusando-os de tentar influenciar o resultado das eleições no Brasil e especular com o processo eleitoral.

Os bancos reagiram argumentando que só estavam protegendo o investimento de seus clientes, nada mais que sua obrigação. E ainda provocaram os políticos brasileiros indignados com tanta interferência estrangeira no País, dizendo que o mercado doméstico de juros apontava para uma deterioração do cenário brasileiro antes de qualquer dos bancos estrangeiros anunciar mudanças nas recomendações para o País. E banqueiros ainda disseram que quem iniciou a onda de venda de títulos da dívida externa do Brasil foram os próprios brasileiros que aplicam no País do exterior.

Volátil – Para piorar a situação do Brasil, as bolsas americanas, que influenciam os mercados do mundo todo, tiveram a semana mais volátil do ano. E o Supremo Tribunal Federal (STF) ainda alterou a Lei de Responsabilidade

Fiscal, que vem sendo comemorada pelo mercado como um dos principais avanços do País em termos de reformas nos últimos anos.

Na sexta-feira, porém, a mesma onda que afundou os mercados brasileiros depois os trouxe à tona. O “vazamento” de pesquisa da Toledo & Associados, mostrando o candidato do PSDB, senador José Serra (SP), em segundo lugar distante do terceiro e do quarto colocados, fez os investidores reconsiderarem o pessimismo. Os números indicam Lula na liderança, com 39,4% dos votos. Mas também mostram Serra no segundo lugar, com 22,8%. enquanto Ciro Gomes (PPS) tem 13,8% e Anthony Garotinho (PSB), 12,6%.

Reação – Com a virada, o dólar encerrou a sexta-feira em queda de 0,2%, vendido a R\$ 2,468. Ainda assim, neste mês, a moeda acumula valorização de 4,49% em relação ao real e, no ano, de 6,56%. O mercado de títulos da dívida também reagiu positivamente aos boatos eleitorais no último dia da semana. O C-Bond, o título da dívida externa brasileira renegociada, fechou a semana cotado a 75,25 centavos de dólar, em alta de 0,83% no dia. A taxa de risco Brasil também recuou da máxima de 974 pontos para 945 pontos na sexta-feira. O Índice Bovespa, depois de cair mais de 1% no dia, acabou fechando em alta de 0,24%.

Apesar do alívio sexta-feira, as últimas semanas têm sido massacrantes para o Brasil no mercado. Nas duas últimas semanas, a Bovespa caiu 7,23%, o dólar subiu 4,04% e o C-Bond perdeu 5,35% do valor. Na conta das últimas três semanas, o estrago é ainda pior: a bolsa perdeu 10%, o dólar subiu 5,79% e o C-Bond caiu 7,88%.

Apesar de grandes, essas quedas já eram esperadas, dizem investidores. Há tempos previa-se que o Brasil, que vinha aproveitando a fase de otimismo no mercado global, por sua resistência à crise argentina e pelos desempenhos fiscal e da balança comercial no ano passado, enfrentaria fortes turbulências no mercado financeiro este ano por causa das eleições. E o trabalho dos bancos é tentar antever esses altos e baixos, comprar e vender nas horas certas, para dar o melhor rendimento possível a seus clientes. O que vão continuar a fazer, dizem os baqueiros. (Colaborou Danilo Fariello)

MELHORA
DE SERRA
PERMITIU
RECUPERAÇÃO